

POLÍTICA

ENTREVISTAS

JILMAR TATTO

Visibilidade a nomes

A força da candidatura do deputado Jilmar Tatto (SP) está no acordo que uniu várias correntes internas em torno do nome dele. Por isso, seu discurso ganhou um tom mais à esquerda. O mesmo tom que ele quer ver no programa do candidato do PT à sucessão de Lula.

Sua candidatura uniu várias correntes do PT. Com que objetivo?

O Campo Majoritário não tem mais condições de unificar o PT e perdeu a capacidade de elaboração política. Esgotou-se. Para ajudar o governo Lula e fazer com que ele seja um governo mais à esquerda, é necessário um PT unificado e organizado. Tenho uma história de centro dentro do PT. Tenho uma história como dirigente e militante partidário. Eu posso derrotar o Campo Majoritário.

O que o diferencia da atual direção do PT?

Em primeiro lugar, o método. A diferença está na maneira de conduzir o partido. O Campo Majoritário tem uma tradição autoritária e até arrogante. Achem que por ter a maioria, não precisam dialogar com as outras correntes. Todos concordam com a defesa

Gustavo Moreno/Especial para o CB - 7/11/07


“ O PT PODERIA DESTACAR CANDIDATOS E O PRÓPRIO GOVERNO. O PRESIDENTE PODERIA TRABALHAR A SUA AGENDA PARA ISSO ”

do governo Lula, mas o PT tem de ser um partido estratégico. O governo passa e o partido fica. As pessoas do Campo Majoritário ficam constringidas de fazer o debate com o governo. O PT não pode ser adesista.

O PT não tem com o governo uma relação de respeito?

Se o PT quer ajudar o governo Lula, tem de se impor politicamente. No governo e na frente de partidos coligados. Vamos usar o exemplo da eleição do deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP) à Presidência da Câmara. O

candidato do governo era o Aldo Rebelo (PCdoB-SP). O Lula está certo ao querer um candidato único da coalizão. Mas temos de pensar no ponto de vista estratégico do governo. Se o PT não se posiciona politicamente, o governo começa a elaborar políticas que podem não ser do interesse do PT.

Na sucessão de Lula o PT também vai impor seu candidato?

O PT precisa se fortalecer, ganhar musculatura, dialogar com os movimentos sociais. Como o candidato não é o Lula e não há ninguém igual

ao Lula, o que será valorizado em 2010 será o programa. Vamos ter de apresentar um programa para a frente. Esse programa tem de aprofundar o governo Lula. Vejo três pontos fundamentais. O primeiro é a reforma política, com o financiamento público de campanha, a lista partidária pré-ordenada, a fidelidade partidária e a discussão do papel do Senado. O segundo é uma reforma tributária que foque as grandes empresas, as grandes fortunas. Que taxe os bancos. Um governo à esquerda tem que mexer nessas questões. O terceiro é a questão da

democratização das comunicações. Discutir o papel da radiodifusão. É um debate ideológico.

Um programa tão à esquerda não inviabiliza a atual coalizão com PR, PP e outros?

Defendo uma política de alianças sob hegemonia do PT. O PT é o maior partido, tem base social e elegeu o presidente da República.

O senhor acha que o PT tem menos espaço no governo do que deveria?

Acho. E o governo perde com isso. Não se trata de defender cargos, mas quando o PT fica fora de setores estratégicos, há um efeito nas políticas. A articulação política é um exemplo. Veja o caso da reforma política. O presidente Lula defendeu a importância da reforma, mas o governo não se mexeu para que ela fosse aprovada. Se os coordenadores políticos do governo fossem do PT, seria diferente.

O senhor é ligado à ministra Marta Suplicy. Sua vitória a fortaleceria como presidencial?

Eu queria que ela fosse candidata à prefeitura de São Paulo. Se for presidente do PT, tenho de manter a unidade do partido. Temos vários nomes, como Patrus Ananias, Jaques Wagner e Dilma Rousseff. Acho que não devemos antecipar o debate, mas poderíamos dar visibilidade a esses nomes. O PT poderia destacá-los e o próprio governo. O presidente poderia trabalhar sua agenda para isso. (GK)

JOSÉ EDUARDO CARDOZO

Alianças diferenciadas

A chapa "Mensagem ao Partido", que lançou José Eduardo Cardozo, é uma das mais governistas na disputa do PT. Mesmo assim, ele bate de frente com o atual presidente, Ricardo Berzoini, o nome preferido pelo Palácio do Planalto. Segundo ele, as diferenças estão no debate interno do partido.

O foco central de sua campanha é o ataque à atual direção do PT. Por quê?

Nossa divergência central é a questão do partido. A democracia interna, a política de alianças do partido, a questão da ética, dos movimentos sociais. Temos assistido a uma confusão muito ruim entre governo e partido. Dirigentes partidários são porta-vozes do Palácio do Planalto e o PT se transformou em um braço instrumental do governo. O partido tem o dever de sustentar seu governo e propor políticas que façam esse governo avançar. O governo é composto por muitas forças políticas e o PT é uma delas. Cada um tem de ter

seu papel. A política de alianças é um exemplo. O governo tem de fazer as alianças necessárias à sua sustentação, que são amplas. O partido tem outra dimensão e suas alianças não têm de refletir as do governo. O PT tem de se aliar a partidos de centro-esquerda. O que nós temos visto é o partido reproduzir as alianças de seu governo e perder a identidade de um campo de esquerda no país.

Esses partidos formaram um bloco para enfrentar o PT nas eleições municipais.

É um equívoco, em larga medida provocado por um erro nosso. Nós nos distanciamos desses partidos. Não tem sentido haver um bloco de esquerda sem o maior partido de esquerda. É um erro de condução da direção partidária.

Na sua chapa há três ministros — Tarso Genro (Justiça), Fernando Hadaad (Educação) e Guilherme Cassel (Reforma Agrária). Por que sua eleição faria o governo interferir menos no PT?

Nossa postura política é muito clara. As pessoas que vão estar como dirigentes partidários sabem do seu papel,

que é diferente do que têm como ministros. O problema é quando há confusão entre os papéis.

Essa confusão leva o governo a respeitar menos o PT?

O PT respeita menos o governo, enquanto pluralidade de forças políticas, do que deveria. E o governo respeita menos o PT do que deveria, enquanto força política fundamental para sua sustentação.

O PT perdeu sua identidade?

O PT tem sua identidade passada, mas este momento de dificuldade que passamos levou ao abatimento dos militantes e ao afastamento dos militantes ideológicos e das pessoas que construíram o partido. O partido precisa de um novo modelo de direção que permita manter sua identidade e revitalizar sua ação. Temos de rediscutir a democracia interna do PT. Há muito tempo que um pequeno grupo de pessoas discute as políticas, toma as decisões e impõe ao partido a linha a ser seguida. Os nossos encontros se transformaram em cerimônias de levantamento de crachás. Esse processo afasta o militante que quer ser ouvido. Cada vez

mais o PT perde seus militantes e acontece a captura de filiados para servir de instrumental bélico interno na hora das votações de candidaturas.

O PT tem seus currais eleitorais?

Exatamente. Sai o militante ideológico e entra o militante pago, contratado que não tem identidade com o partido. Isso é colocar fora o potencial ideológico do PT e transformá-lo em um partido convencional e conservador. As minorias partidárias não podem ser massacradas. A direção não tem a verdade única. Precisamos de mais transparência nas finanças partidárias. Nós defendemos o orçamento participativo nos estados e o PT não tem clareza em seu orçamento. O caso Delúbio Soares é um exemplo de uso equivocado dos recursos do PT. O partido não discutiu aquilo. (GK)

“ O PARTIDO TEM OUTRA DIMENSÃO E SUAS ALIANÇAS NÃO TÊM DE REFLETIR AS DO GOVERNO ”

VALTER POMAR
Paulo Figueiras/Estado de Minas - 10/9/05


Ambiente de mudança

Nas eleições do PT em 2005, Valter Pomar quase chegou ao segundo turno. Ele espera chegar desta vez, mas se não conseguir, já decidiu: apoiará qualquer nome contra o atual presidente, Ricardo Berzoini.

Qual sua avaliação do cenário eleitoral?

Acho que haverá segundo turno e Ricardo Berzoini será derrotado. Trabalho para ir ao segundo turno e acho que tenho as melhores condições para derrotar Berzoini, porque sou o candidato com menos resistências. No caso de Jilmar Tatto e José Eduardo Cardozo há setores que não os apoiariam no segundo turno. Mas se eu não for para o segundo turno, apoiarei quem enfrentar Berzoini.

Qualquer candidato pode vencer o atual presidente?

Sim. Há um sentimento na base do partido de que em 2005 faltou muito pouco para derrotar Berzoini. O desempenho dele na presidência do partido mostrou que deveríamos ter eleito outro nome.

Reconheço que ele se esforçou para ser presidente do partido e não apenas de um grupo. Mas não conseguiu. O peso de ter sido candidato do Campo Majoritário e principalmente a imagem pública é muito pesada. Ao longo de sua gestão isso fez dele um presidente fraco, com pouca capacidade de fazer pressão sobre o governo Lula em nome do PT. E também não conseguiu superar internamente uma série de práticas do antigo Campo Majoritário.

Qual é o principal problema da direção do PT hoje?

Precisamos de uma direção de partido com capacidade de operação política muito maior que a de hoje. Capacidade de coordenar o processo eleitoral de 2008 e as relações do PT com os movimentos sociais, os outros partidos de esquerda e a bancada. E de melhor o funcionamento interno do PT. Essa incapacidade não é um problema administrativo. É um problema político. A lógica que prevaleceu no PT no período anterior, que fazia do partido uma extensão do governo, ainda é muito forte. Isso faz que o PT tenha pouco protagonismo. Para dar protagonismo ao PT é necessário uma direção com essa capacidade. Para isso é preciso se libertar da ideia de que o PT é uma extensão do governo. Se você olhar o site do PT a qualquer momento, a chance da fotografia ser do presidente da

República ou de algum ministro é enorme. As notícias são sobre ações do governo. Essa é uma visão rebaixada do papel do partido. Veja esse episódio em que o Devanir (deputado Devanir Ribeiro) propôs o terceiro mandato. O presidente do partido deveria ter determinado ao deputado que retirasse imediatamente a proposta. O Berzoini disse que era pessoalmente contra, mas que no PT não há assunto proibido. Qual foi o resultado dessa postura subalterna? O presidente da República chamou o presidente do partido e o deputado e mandou retirar.

É possível mudar a política num quadro de tanta disputa interna?

O instinto de sobrevivência do PT fala mais alto. O partido sabe que o que vem pela frente exigirá do PT uma qualidade superior. Vamos disputar 2008 sob cerco. Não só da oposição quanto de alguns aliados. Vamos para 2010 com uma candidatura petista e temos de ir para o segundo turno em uma eleição difícil. E a partir de 1º de janeiro de 2011, teremos um quadro novo, seja em caso de vitória ou de derrota. Há um ambiente de mudança. Por isso fizemos uma campanha de esquerda no segundo turno em 2006. Por isso o Congresso do PT aprovou resoluções interessantes. Ter um presidente que não seja do Campo Majoritário não resolve tudo. Mas ajuda muito. (GK)

Daniela Ferreira/CB - 11/7/05